

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

FILMar: PAISAGENS LITERÁRIAS E MARÍTIMAS

27 de Março de 2024

### RETRATOS DOS DAS MARGENS DO RIO LIS / 1965

*Realização, Produção:* António Campos *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP, cor, 10 minutos, sem som *Primeira apresentação na Cinemateca:* 27 de Setembro de 2000 (em Leiria), 29 de Setembro de 2000 (em Lisboa, com *Leiria 1960, A Almadraba Atuneira, A Tremonha de Cristal*, 1993) (retrospectiva “António Campos”).

*Nota sobre o restauro em película (2000):* filme realizado em suporte reversível de 16 mm (Kodachrome); a obra foi alvo de um restauro em 2000 no laboratório do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento da Cinemateca, com base nesse material de origem único; o trabalho incluiu a ampliação para 35 mm e a produção de uma nova cadeia de preservação neste formato. Não se conhece qualquer elemento de som. *Nota sobre a digitalização (2022):* digitalização Ultra HD de um internegativo de imagem 35 mm produzido em 2000; tratamento digital de imagem em 202.

*Retratos dos das Margens do Rio Lis* é apresentado com *Histórias Selvagens* (“folha” distribuída em separado).

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

---

A Leiria onde António Campos nasceu e viveu grande parte da sua vida foi por ele filmada nos anos 1960 em que se encontrava fixado em Lisboa, em títulos como *Leiria 1960* e este *Retrato dos das Margens do Rio Lis*. O primeiro respondia a uma proposta da Comissão de Turismo de Leiria, no rasto da visibilidade de obras anteriores no circuito dos filmes amadores e cineclubístico, *Um Tesoiro* (1958), *O Senhor* (1959) adaptando contos de António Bota e Miguel Torga no formato de 8 mm, e depois *A Almadraba Atuneira* (1961), a sua primeira obra rodada em 16 mm e a sua primeira incursão decisiva na via documental a partir do mar do Algarve. Em 1965, ano do distópico, singularíssimo, *A Invenção do Amor* baseado num poema de Daniel Filipe, após e em simultâneo com os títulos de arte registados para a Fundação Calouste Gulbenkian para a qual trabalhava, *Retrato dos das Margens do Rio Lis* é um primeiro ensaio sobre a cor. Um belo ensaio sobre a cor, em ligação directa à cidade e região natal mas também aos temas matriciais, e recorrentes, do seu cinema.

Primeiramente, a água, a que Campos foi sensível em quase todos os seus filmes e que abre, em jorro, estes *Retratos*. Mas também a imagem da roda em movimento giratório contínuo, já dramaticamente exemplar no *Senhor* e um elemento estruturante da crónica da cidade que é *Leiria 1960*, cujas imagens circulares rimam com planos de água em fontes, uma cascata, o curso do rio. *Retratos* retoma-o, ao Rio Lis, aliás primeiríssimo motivo de Campos – *O Rio Lis* (1957) é o primeiro título da filmografia no *amador* 8 mm –, em imagens de uma plasticidade vital, que se estendem à actividade operária e ribeirinha em espantosas cores, lembrando (im)provavelmente Manoel de Oliveira nos anos 1930 de *Douro, Faina Fluvial* e *Hulha Branca* e, pela experimentação das possibilidades cromáticas, o dos meados da década de 1950 de *O Pintor e a Cidade*. Interessado na ficção desde sempre, Campos dedicar-se-ia muito ao cinema inscrito numa dimensão etnográfica e antropológica, no qual *Retrato dos das Margens do Rio Lis* claramente se filia, a partir da paisagem e do povo trabalhador e pobre que a habita, filmado em planos que lhes devolvem o impulso vital e uma bem-dita dignidade. Na simplicidade aparente do “exercício”, o *Retrato das margens e dos que* nelas vivem e trabalham é um filme poderoso em que vibra a sensibilidade do olhar do autor.

Maria João Madeira